

REFLETINDO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR: ABORDAGEM CENTRADA EM ALUNOS MULTIRREPETENTES DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA/RJ

Thalles Azevedo Ladeira^{*}
Iury Fagundes da Silva^{**}

Compreende-se que o processo de ensino e aprendizagem é amplo, o que nos faz buscar compreender cada vez mais questões referentes aos sujeitos escolares, enquanto sujeitos da aprendizagem. Nesse sentido, ao direcionarmos nosso olhar para alunos com casos de “insucesso” escolar, isso nos faz questionar como se dá a objetivação e o desdobramento desse fenômeno.

Consoante a isso, o presente estudo tem o objetivo de trazer uma abordagem crítica acerca do fracasso escolar, traçando uma discussão epistemológica do tema, seguida de reflexões acerca de um conjunto de entrevistas semiestruturadas, realizadas com alunos multirrepetentes de uma escola pública, localizada no Município de Santo Antônio de Pádua/RJ.

No que se refere a esse insucesso escolar de muitos alunos, consideramos que os processos sociais atravessam os espaços escolares e, nesse sentido, a produção do fracasso escolar não deve ser analisada sob uma perspectiva individual. Desse modo, consideramos fundamental romper com a lógica da culpabilidade do aluno pela sua trajetória de não aprendizagem na escola, ao passo em que passamos a compreender o fenômeno do fracasso escolar, como uma construção social motivada por interesses políticos e governamentais, conforme vem sendo apontado por Patto (2010), que, ao analisar esse fenômeno, reforça a ideia de que as diferenças de rendimento escolar entre os alunos estão intrinsecamente relacionadas com as origens sociais dos mesmos.

Nesse sentido, dialogamos também com Collares (1996), ao afirmar que as dificuldades de aprendizagem escolar se manifestam predominantemente entre os alunos provenientes dos segmentos sociais mais empobrecidos da população, gerando, em muitos casos, o fenômeno do fracasso escolar: “É nas tramas do fazer e do viver pedagógico quotidianamente nas escolas, que se pode perceber as reais razões do fracasso escolar das crianças advindas de meios sócio-culturais mais pobres” (COLLARES, 1996, p. 25).

^{*} Mestrando em Ensino pela UFF. *E-mail*: thalles-ladeira@hotmail.com

^{**} Mestrando em Educação pela UERJ. *E-mail*: iuryfagundes9@gmail.com

Cabe considerar ainda uma pesquisa de Louzano (2013), ao evidenciar que o Brasil apresenta umas das taxas de distorção idade-série mais elevadas da América Latina, levando-se em conta que, apesar das políticas de progressão continuada, nossos índices de repetência ainda são mais elevados do que na maioria dos países da região, demonstrando como segue fortalecida, portanto, em nosso país, a “cultura de repetência” (LOUZANO, 2013).

É pelas razões aqui já introduzidas, que realizamos uma pesquisa de TCC no ano de 2015, que consiste em entrevistas presenciais (semiestruturadas) com 14 alunos multirrepetentes do período noturno de uma escola pública estadual de Santo Antônio de Pádua/RJ. Os alunos participantes têm a faixa etária entre 14 e 17 anos, predominantemente de homens e negros. Buscamos investigar, por meio das entrevistas, a trajetória de multirrepetência escolar, por meio da perspectiva dos próprios alunos.

O método de desenvolvimento dessas pesquisas se deu por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977), baseado em um estudo de caráter quantitativo e qualitativo de análise dos dados. Enquanto a abordagem quantitativa visa enriquecer a pesquisa, com o maior número de alunos alcançados e a maior quantidade de elementos levantados na pesquisa, à abordagem qualitativa tem o objetivo de fornecer uma visão mais específica da percepção dos mesmos sobre sua experiência escolar.

Em relação à idade dos entrevistados, tivemos um aluno com 14 anos, três com 15 anos, seis com 16 anos e quatro com 17 anos. Todas as entrevistas foram realizadas no espaço escolar, em um horário antes do início da primeira aula, e todas as respostas foram anotadas em um bloco de notas para serem analisados em um segundo momento. A entrevista teve como base cinco perguntas norteadoras que poderiam ser aprofundadas a depender das respostas dos participantes. São elas: História de vida; trajetória escolar; percepção sobre a formação escolar recebida; críticas a essa formação ou a escola e percepção sobre suas repetências escolares.

De modo geral, a investigação se deu a fim de buscar entender: Como se desenvolveu o processo de multirrepetência desses alunos; como eles lidavam com essa questão; qual a perspectiva que eles desenvolveram em relação à escola e qual o sentimento e/ou a percepção gerada neles, com base na experiência de repetência escolar.

No eixo história de vida, avaliamos que dos quatorze alunos envolvidos na entrevista, onze moravam na periferia da cidade. Alguns deles eram envolvidos com facções criminosas e, nesse sentido, demonstravam naturalizar essa realidade. Sobre essa questão, compreendemos como a alienação configura-se como um instrumento de “anestesiamento” da classe trabalhadora, na medida em que limita a visão de mundo dos indivíduos e suas possibilidades de futuro que são plurais (VÁSQUEZ, 2007).

Nesse sentido, dos 14 alunos entrevistados, oito afirmaram ter, em casa, irmãos ou parentes próximos que também já passaram pela experiência da repetência escolar. Ao serem perguntados sobre os motivos que para eles foram determinantes à repetência, cinco participantes apontaram que o problema da repetência se deu em função da companhia dos amigos. Já os outros nove participantes responsabilizaram a si mesmos pela sua repetência escolar, alegando que não conseguiam gostar de estudar e por isso não levavam seus estudos a sério.

Quando foram perguntados sobre a visão que eles possuem da escola e da formação que receberam, ficou claro na fala de todos os participantes, que, para eles, a escola também é responsável pelas suas repetências escolares, por ser um ambiente no qual eles não conseguem se encaixar.

Os dados obtidos por meio das falas dos participantes nos chamam a atenção e os resultados desenvolvidos dessa pesquisa nos permitem considerar dois elementos principais: o primeiro é a falta de significado que a escola e a educação formal têm para eles. Isso se dá, pois, nos dias atuais, a escola não se caracteriza mais como uma garantia de emprego, principalmente quando estamos falando de alunos negros e moradores da periferia, para os quais as ofertas de trabalho se limitam ainda mais.

Um segundo elemento que trazemos como resultado da pesquisa é que a escola não valoriza os saberes que esses alunos trazem de casa, desse modo, as experiências geradas por meio da realidade vivida fora do contexto escolar passam a ser reprimidas.

Conclui-se por meio dessa pesquisa que as perspectivas individualizantes, patologizantes e biologizantes a respeito do fracasso escolar devem ser desconstruídas ao passo em que levamos em conta os aspectos políticos, econômicos e sociais que atravessam os espaços escolares. Nesse sentido,

consideramos que culpabilizar o aluno pela sua experiência de insucesso escolar é conveniente para o sistema social que mantém um injusto conjunto de relações sociais que promovem a desigualdade e a exclusão social.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

COLLARES, C. A. L. Ajudando a desmistificar o fracasso escolar. *In*: COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. (org.). **Preconceito no cotidiano escolar**: ensino e medicalização. São Paulo/Campinas: Cortez Editora/Unicamp, 1996. p. 24-28.

LOUZANO, P. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos étnico-raciais. *In*: REUNIÃO DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. **Anais [...]**, Goiânia, 2013.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GT 10 – GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Coordenadores

Elen Lemaire Pedri (UCS)

Daiane Dala Zen (UCS)

PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Rudson Adriano Rossato da Luz^{*}

O presente resumo faz parte de minha pesquisa de mestrado em andamento, intitulada “Da heteronormatividade para o acolhimento: caminhos com vistas a uma educação ético-estética”. Pretende-se, a partir da pesquisa bibliográfica de obras da autora Guacira Lopes Louro, apresentar elementos acerca da produção e reprodução de práticas heteronormativas no espaço escolar, as quais não dão conta de todos os estudantes, em razão da pluralidade dos sujeitos. A escola, via de regra, produz, juntamente com outras instituições sociais, a disciplinarização dos corpos, através de uma “Pedagogia da sexualidade”, que muitas vezes se apresenta de forma sutil e discreta, mas é duradoura e recorrente. A produção do menino, por exemplo, é realizada, tendo como alvo um ideal de masculinidade, o que é possível observar na prática esportiva de cunho competitivo, com ênfase no corpo, sendo que vencer (muitas vezes não importando de que maneira) é o principal objetivo. Além disso, há certas formas de violência que são legitimadas, consentidas e até mesmo esperadas, pois fazem parte da formação dessa masculinidade. Por outro lado, a produção de meninas objetiva que elas sejam dóceis, discretas, gentis e, inclusive, sentem-se e portem-se uma maneira específica. Dessa forma, os espaços formativos, sobretudo os escolares, têm papel fundamental na constituição de nossa identidade, em especial, no que se refere à formação da sexualidade, as quais se dão através de referências e critérios, para discernir e decidir o quanto cada um se afasta ou se aproxima da norma (LOURO, 2001), dentro daquilo que se espera, para meninos, e para meninas. Há aqui “um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” (LOURO, 2001, p. 25), na tentativa de fixar uma identidade sexual (no caso heterossexual) masculina e feminina, dizendo o que é

^{*} Mestrando em Educação na Universidade de Caxias do Sul – Bolsista Prosuc/Capes, na linha de pesquisa de História e Filosofia da Educação, fazendo parte do grupo de pesquisa Educação, Filosofia e Multiplicidade na Contemporaneidade. Desenvolve pesquisa sobre Filosofia da diferença, especificamente sobre gênero e sexualidade na educação.

e como ser homem e ser mulher. Essa tentativa reiterada de afirmação da heterossexualidade ocorre em paralelo à rejeição de negação de qualquer outra possibilidade de manifestação diferente da sexualidade. Rejeição esta que, muitas vezes, se expressa na forma da discriminação com os dissidentes sexuais. Os indivíduos que manifestam sua sexualidade de maneira “diferente” daquela socialmente construída como padrão são, muitas vezes, alvo de piadas e gozações, no ambiente escolar, além de terem desprezo e não aceitação em determinados grupos, visto que criou-se um imaginário social, no sentido de que tais práticas “anormais” sejam “contagiosas”. Sendo assim, se uma criança heterossexual tiver proximidade com uma criança não heterossexual, poderá ser rotulada como também não heterossexual. No caso de um menino, a situação é ainda mais delicada, visto que poderá ter sua “masculinidade” questionada. Cabe aqui também nos questionarmos, por exemplo, até que ponto podemos afirmar que uma criança já possui sua sexualidade “definida”. Sendo assim, a escola é um dos ambientes mais difíceis para que os estudantes possam manifestar sua sexualidade, caso ela seja diferente do “normal” (heterocisgênero), justamente porque esse espaço, por entender que todos são heterossexuais, nega todas as outras possibilidades. “O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 2001, p. 30). Além disso, pelo medo de conversar sobre o assunto, tem-se a ideia de que o corpo parece ter ficado fora da escola (LOURO, 2000). Há uma separação entre corpo e mente, tornando o tema da sexualidade como um tabu, que não deve ser mencionado, justamente num espaço, em que a pessoa passa seus primeiros anos de vida (em torno de 15 anos da Educação Básica), quando ocorre seu desenvolvimento e suas descobertas em relação ao corpo e à sexualidade. O mesmo ocorre nos cursos de formação de professores: tanto teoria quanto prática parecem fluir em “seres incorpóreos” (LOURO, 2000, p. 60). Contudo, apesar desse suposto silenciamento em relação à sexualidade, a escola sutilmente age, operando dentro da norma, de maneira muito sutil, produzindo e reproduzindo a normalidade, numa tentativa de docilizar os corpos. Porém, com a emergência social daqueles que, historicamente, foram silenciados, a escola também tem se deparado com o desafio de como lidar com as diferentes formas de manifestação da sexualidade. Se, há alguns anos, não era comum vermos pessoas trans, por exemplo, dentro do espaço escolar, através

de políticas afirmativas, como, por exemplo, o nome social, hoje essa realidade está mais presente. No mesmo tempo que há avanços, temos o discurso de moralidade e saudosismo, na tentativa de retroceder. Contudo, novas questões são colocadas para o debate, como, por exemplo, o uso do banheiro pelas pessoas trans. Os educadores mostram-se quase sempre perplexos, pois, as certezas e a segurança da norma já não têm mais dado conta de responder aos novos questionamentos. A menos que a escola queira entrar na onda do retrocesso, voltando a negar aos dissidentes sexuais a possibilidade de um processo formativo nos ambientes escolares, não haverá como negar as novas práticas e sujeitos, e suas contestações acerca da norma (LOURO, 2004). Concluo, dizendo que é importante pensarmos para além da heteronormatividade, pois a sexualidade humana é muito maior e mais abrangente do que uma única possibilidade de manifestação. Além disso, acredito que o diálogo é um dos caminhos para que o desconhecimento e o estranhamento com as diferenças possam se transformar em acolhimento, e não em preconceito.

Referências

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 59-76, 2000.